

1970

Lettre du Père Ernert Lecomte au Docteur Fernando Pedroso — (29-III-1892)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol4>

 Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1970). Lettre du Père Ernert Lecomte au Docteur Fernando Pedroso. In *Angola: 1890-1903*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1892 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola: 1890-1903 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DU PÈRE ERNEST LECOMTE
AU DOCTEUR FERNANDO PEDROSO

(29-III-1892)

SOMMAIRE — *Opinion du Père Lecomte au sujet de la colonisation.*
— *Produits tropicaux, mines, bétail, commerce, industrie, coton, sucre, tabac, caoutchouc, huile d'arachide.*

Caconda, 29 de Março de 1892

Meu caro Doutor e amigo

Só agora recebi as duas cartas que me escreveu com data de 6 e de 21 de Outubro. Vou dar-lhe as informações que me pediu.

1.º A minha opinião é que não se deve pensar em colonizar o sertão de Benguela ou qualquer outro, sem primeiro estar construída a via férrea.

2.º A colonização feita por intermédio duma poderosa companhia, dispondo de recursos que lhe permitam fazer grandes despesas antes de realizar lucros, parece-me efectivamente o único meio de trabalhar seriamente.

Pergunta-me o que se poderá explorar em Benguela, que é o melhor de todos os distritos de Angola. Como já tive ocasião de dizer na Sociedade de Geografia, é impossível indicar, entre tantas, qual seja a principal fonte de riqueza. Agricultura, indústria, comércio e todos os seus diferentes ramos podem contribuir simultâneamente para o mesmo fim.

a) Os produtos tropicais, que fazem a riqueza de S. Tomé, encontram aqui uma zona favorável entre as montanhas de Quilengues, Hanha, Huambo, Bailundo e o litoral.

Desde a Hanha até à entrada do território do Bié, e particularmente no território do Huambo, encontra-se tudo o que há de melhor em África, como condições de existência para os europeus.

O trabalho, porém, para estes não deixará de ser dificultoso, enquanto for custoso arranjar trabalhadores indígenas. Os serviços são de dia para dia mais raros e mais caros. Hanha seria o ponto mais conveniente; creio até que seria bastante fácil estabelecer ali ricas fazendas em condições climatéricas suportáveis, e com abundância de água.

b) A questão das minas não deve ser desprezada, antes seriamente estudada; os boers pretendem ter achado minas de ouro no rio Cuvale e perto de Hanha. Um amostras que sujeitei à prova de fogo produziram vapores de enxofre e deixaram em resíduo um metal imitando a prata. Dizem os boers que, no Transvaal, a camada superior das minas de ouro é idêntica ⁽¹⁾.

c) O gado é esplêndido mas pouco numeroso, porque os indígenas não sabem criá-lo. É pena, sabendo-se que se poderia exportá-lo para o Sul de África, onde os ingleses compram cada dia milhares de cabeças.

d) Além de fornecer alimentação para os negociantes do interior e para os portos mais próximos, não vejo bem o que o colono possa exportar em benefício próprio. O comércio não é senão para um pequeno número e a concorrência é tão grande que todas as casas de Benguela e Catumbela se arruinam mutuamente. Todos os pretos da região acima indicada são negociantes; vão buscar às tribos dos Ganguelas, que habitam entre

⁽¹⁾ O sr. Gomes Coelho recebeu do sr. padre Lecomte, superior das missões do planalto de Benguela, duas pepitas de ouro com o peso aproximado de um grama, encontradas nas areias de aluvião na margem do rio Cului, em Cassinga. A rocha quartzosa donde provieram estas pepitas deve ser muito rica. (Du *Jornal do Comércio*).

o Cuanza e o Zambeze, cera, borracha e marfim, com que fornecem os mercados da costa. Como o negro não aprecia nem o tempo nem a fadiga do transporte, é impossível ao europeu lutar com elle.

e) A indústria deve portanto vir em socorro do comércio e da agricultura. O fabrico de aguardente é o ramo mais rendoso, mas é um meio de civilização rejeitado pela boa moral. O algodão dá-se bem em toda a parte. Até há uma espécie indígena, que cresce mais do que o que é cultivado nas fazendas e que é superior em qualidade. Os Ganguelas fiam-no e dele tecem cobertores.

Além disso todo o interior do país é excessivamente povoado e necessitaria de uma quantidade imensa de tecidos.

Talvez, em vista do aumento do preço das fazendas, fosse conveniente fabricá-lo aqui, instalando uma grande fábrica, como em Moçâmedes se fez em ponto pequeno.

f) Podia-se também experimentar a fabricação do açúcar, a plantação e preparação do tabaco, o fabrico da borracha e do óleo de arachide.

[*Ernesto Lecomte*]

PORTUGAL EM AFRICA, Lisboa, 1894 (I), p. 190-192.